

## **Uma mala fabulosa: literatura, infância e gesto.**

### **A fabulous suitcase: literature, childhood and gesture**

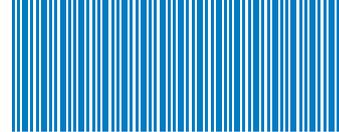
*Anna Luiza Guimarães* é jornalista e especialista em literatura para a infância pela A Casa Tombada (Faconect-SP). Foi fundadora da Biblioteca Amarela, que foi uma livraria fixa e itinerante, na serra do Rio de Janeiro, também com acervo para empréstimo, consultoria para escolas e produção de conteúdos sobre literatura para a infância. Trabalhou como mediadora de leitura na biblioteca da Escola Parque no Rio. Em 2024, começou A Fabulosa Mala dos Menores Livros do Mundo, uma mala-biblioteca-ateliê de minilivros, que compartilha um acervo de livros pequenos no tamanho, mas imensos na poesia, convidando adultos e crianças a brincarem de criar suas narrativas e seus próprios minilivros. Anna atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação de Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) da PUC-Rio, onde pesquisa os diálogos entre os livros para a infância e os livros de artista e a circulação dessas obras.

Contato: [annalima.g@gmail.com](mailto:annalima.g@gmail.com)

### **Resumo**

Este é um relato de experiência do projeto *A Fabulosa Mala dos Menores Livros do Mundo*, que nasce a partir de um trabalho realizado com crianças de 6 a 10 anos, em uma escola particular na Zona Oeste do Rio de Janeiro em 2023. Reunindo literatura e miniatura, a experiência mostrou um potencial enorme de aproximar as crianças das narrativas que constituem nosso mundo, e que nos constituem como humanos, através do brincar e da artesanaria.

Palavras-chave: Livros. Infância. Materialidade. Gesto



## Abstract

This is an experience report about the project *The Fabulous suitcase of the world's smallest books*, which was conceived from the initiative developed with children aged 6 to 10, in a private school located in the West Zone of Rio de Janeiro in 2023. Bringing together literature and miniatures, the experience presented an enormous potential to bring the children close to the narratives that compose our world, and that built us up as humans, through playing and crafting.

Keywords: Book. Children. Materiality. Gesture

*“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”*

Manoel de Barros

Quando criança, eu tinha dois grandes encantamentos: livros e miniaturas. Não necessariamente nessa ordem, e muitas vezes misturados. As histórias me davam mundos possíveis e impossíveis; já com as miniaturas eu transformava um mundo imenso, capaz de me engolir, em algo que cabia na palma da minha mão. Mas ambos me permitiam fazer o que é essencial na infância: brincar.

Ao crescer e amadurecer, os livros permaneceram comigo, viraram meu objeto de estudo e trabalho; já as miniaturas, continuaram me encantando, mas se tornaram objetos de decoração. Até 2023, quando fui cuidar de uma biblioteca do segmento de Fundamental Anos Iniciais de uma escola particular no Rio de Janeiro. Nesse trabalho, no qual permaneci até julho de 2024, cuidava do acervo da biblioteca, dos empréstimos aos alunos e professores, e dava aulas de leitura para 17 turmas de crianças entre 6 e 10 anos. As aulas envolviam leitura compartilhada e atividades ligadas ao tema, como jogos, debates e criações artísticas. Porém uma aula em especial foi, indiscutivelmente, a de maior engajamento e encantamento por parte dos alunos.

Em uma caixa grande, levei para a escola todos os livros que tinha em casa de uma coleção que desafiava a forma tradicional



dos livros. Compartilhei com eles livros sanfonados, livros bordados, livros que se liam do avesso, de cabeça para baixo, livros de diferentes materiais e formatos, que guardavam grandes surpresas. O tempo de aula não parecia suficiente para o tamanho da curiosidade. Eles queriam ler, entender, saber dos autores e como faziam aquilo. Foram muitas perguntas e muitos retornos de alunos querendo rever as obras.



Figura 1 - A caixa de livros que exploram a materialidade e material para oficina.



Figura 2 e 3 - Alunos explorando os livros da caixa durante as aulas.

Durante a aula, ao final da apreciação, foi realizada uma oficina de criação de minilivros, que seriam pendurados no pescoço como pingentes de um colar. Nasceram desde narrativas alienígenas e grandes feitos heroicos até simples histórias cotidianas.



Figuras 4, 5 e 6 - Alguns dos minilivros produzidos nas oficinas.

O material para a confecção dos minilivros era bem simples: com apenas uma folha A4 era possível fazer quatro minilivros. Suas páginas eram unidas com grampeador e era possível escolher um papel de gramatura mais firme para a capa. Após aquela aula, passei o ano inteiro fazendo minilivros com as crianças nos recreios e nos tempos livres, a pedido delas. Muitos vinham me mostrar os que tinham feito em casa e queriam deixá-los no acervo da biblioteca para que outros amigos pudessem ler.

O sucesso dessa aula fez com que a escola investisse em comprar livros que exploram mais a materialidade para o seu acervo, e eu não parei de pensar em uma forma de levar essa experiência para mais crianças.

“A Fabulosa mala dos menores livros do mundo” nasceu em 2024. A mala foi comprada em 2023 e seu interior foi feito por uma marcenaria, com pequenas estantes de madeira para os livros e um armário para o material das oficinas. A ideia era abrigar pequenos livros – de no máximo 10 centímetros de altura – que por sua miniaturização já brincam com a materialidade, e apresentam infinitas possibilidades de contar uma história com pouco material, e provocar as pessoas a criar os seus minilivros.



### Uma mala fabulosa



Figura 7 - A “Fabulosa mala dos menores livros do mundo”. / Figura 8 - A parte interna da mala.

Com as brincadeiras de narrar em pequenos caderninhos de papel, costurados ou grampeados à mão, as miniaturas voltaram a ocupar meu imaginário juntamente com os livros e cresceu uma vontade, daquelas insistentes de criança, de explorar mais esses universos, juntos, de alguma forma.

Em 2023, fiz uma viagem para Amsterdam e Londres. Na primeira cidade, fui conhecer o projeto da holandesa Karina Schaapman: *Sam e Julia, The Mouse Mansion*<sup>1</sup>. A autora tem um livro publicado no Brasil, pela editora WMF<sup>2</sup>. A história dos dois ratinhos, melhores amigos, Sam e Julia, é feita a partir de fotografias feitas dentro de uma mansão de 100 cômodos, toda em miniatura, criada pela autora. E eu estive lá, vendo todos os detalhes desse trabalho minucioso.

1 <https://www.themousemansion.com>

2 Schaapman, Karina. *A Mansão dos ratinhos: Sam e Julia*. criação e texto de Karina Schaapman. fotos de Ton Bouwer; traduzido por Mariângela Guimarães - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.



Figura 9 - Alguns dos cômodos da mansão dos ratinhos./ Figura 10 - Miniaturas vendidas em pequenas caixinhas



A mansão dos ratinhos fica exposta em uma loja de dois andares, onde os funcionários são Karina e seus filhos, já adultos. Em uma das paredes estão os mais de 30 livros, traduzidos em mais de 27 línguas, das histórias de Sam e Julia. E tudo começou como uma brincadeira de Karina com os filhos, criando esse universo de miniaturas que lhe permitia narrar histórias. Na loja, são vendidos kits para que as famílias possam construir os seus próprios universos e novas histórias. O canal no YouTube tem diversos tutoriais, no estilo “Faça você mesmo”.

Foram horas dentro daquela pequena loja, com a minha criança em festa olhando cada minisofá, minitalher e uma minibiblioteca inteira criada para Sam e Julia. Era miniatura e literatura, juntas. O trabalho de Karina me inspirou e, durante minhas visitas aos museus, observei também pequenas casas em miniaturas expostas, como a do século XVII, da holandesa Petronella Oortman, no Museu Rijksmuseum<sup>3</sup>. Segundo a legenda da obra no próprio museu, a casa em miniatura foi feita por um artesão francês que passou anos em Amsterdam modelando a réplica da casa de Petronella em seus mínimos detalhes. No mesmo museu, me encantei também com uma “Artist Paint Box”, que seria uma pequena caixa-ateliê do século XVII – pela placa de descrição do museu, sem dono – de pintores da época. A caixa toda decorada, como uma verdadeira obra de arte.

<sup>3</sup> <https://www.rijksmuseum.nl/nl>

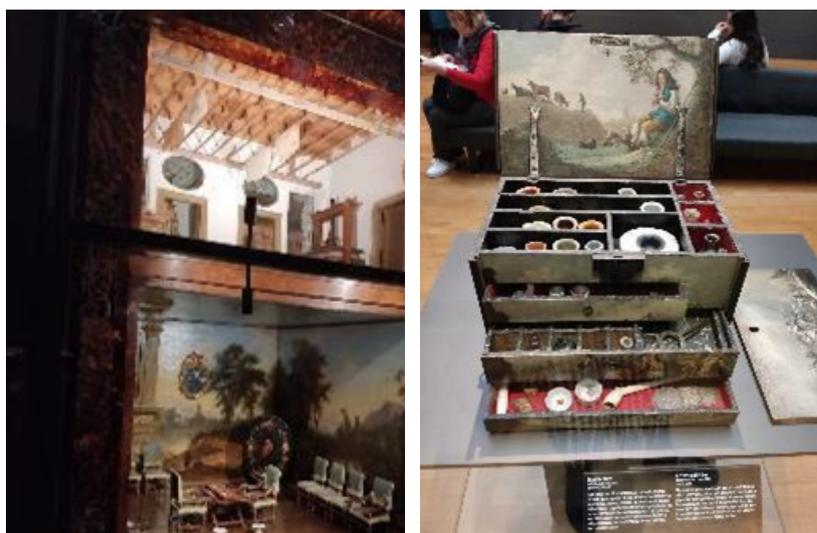


Figura 11 - A casa em miniatura e Petronella Oortman./ Figura 12 - “Artist Paint Box” do século XVII.

Tenho convicção de que todas essas obras e suas histórias estão por trás de um sonho que tive durante a viagem. “A Fabulosa” me apareceu em sonho. Eu carregando uma pequena mala, que se abria como uma minibiblioteca, cheia de pequenas estantes e



um espaço para materiais criativos. Uma mistura das casas em miniatura e da caixinha dos pintores que estavam no museu. Com ela, eu sorria e compartilhava meus encantos, que encantavam os outros também. Acordei e peguei um pequeno papel de anotações, desenhei a mala do meu sonho com uma caneta azul, para não esquecer os detalhes.

Sempre dei importância aos sonhos. Gosto de conversar sobre os sonhos com as crianças, sempre acreditei que existe algo importante a ser ouvido e visto no que nos ocupa a mente nesse estado de desligamento do mundo. Muitos povos indígenas entendem o sonho como uma instituição. Ailton Krenak afirma que os sonhos são uma experiência de consciência coletiva que o orienta em suas escolhas.

“Você não conta seus sonhos em uma praça, mas para as pessoas com quem tem uma relação. O que sugere também que o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e de seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas transformar isso, na hora, em matéria intangível”. (KRENAK, 2020, p. 37)

Então, no último dia de viagem, já em Londres, encontrei o que seria “A Fabulosa mala” dos meus sonhos. Ela estava ali, dentro de uma barraca no tradicional mercado de pulgas no bairro de Camden Town. Ainda carregava uma etiqueta de viagem, de uma companhia aérea que não existe mais. Ao chegar ao Brasil, peguei o desenho que tinha feito na folha de anotações, a mala, e encontrei a marceneira. O sonho se tornou matéria.

Com a mala pronta, os encontros começaram a acontecer no segundo semestre de 2024 e reforçaram toda a potência que as primeiras oficinas na escola já demonstravam. Com a diferença que, agora, tinha uma mala. Logo percebi que essa mala carregava com ela um imaginário. A mala é um personagem do projeto. Todos querem conhecer “A Fabulosa”, abri-la, saber o que ela tem para mostrar e contar. É como se ela guardasse um segredo que será revelado. É muito interessante observar, durante os encontros, todos aguardando ansiosos uma “autorização” para mexer na mala.

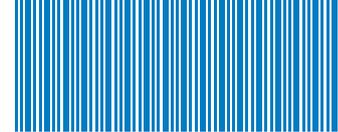


Figura 13 – A mala exposta durante a oficina, esperando para ser explorada./ Figura 14 – Criança no processo de criação de um minilivro durante oficina

Também observo com atenção a diferença entre as atitudes das crianças e dos adultos nas oficinas. As crianças, após terem o contato com os livros e seus diferentes formatos, sentem o desejo quase instantâneo de colocar a mão na massa. Apreciar essas obras é como um convite para elas, que leem as narrativas, observam os detalhes e perguntam, ansiosas: “Mas a gente vai fazer um livro assim também?”. Já os adultos, quando são convidados a criar, ficam apreensivos: “Mas eu não sei desenhar” ou “Não sei se consigo”. E é sempre uma satisfação quando percebem que concluíram a criação. As crianças se divertem no processo, menos preocupadas com o resultado. O que me faz entender melhor o porquê de a temática da infância ser mesmo um terreno fértil de exploração da materialidade no mercado editorial. Para Gandhi Piorski, isso se dá pelo caráter ensaístico da infância.

“A criança ainda não se inaugurou na vida do controle e da dominação. Ela ensaia. Vai fundo em seus ensaios. Inaugura as premissas, provoca dialéticas, assalta com enlevo os materiais, desfigura seus movimentos, afronta com incandescência a causa das coisas, deforma a forma, arrebatada o pesado, densifica a pluma, arreganha o mole e trucidada o duro”. (PIORSKI, 2023, p. 51)

Aqui pretendo contar mais sobre essas experiências com “A Fabulosa”. Este trabalho me ajuda a pensar sobre como literatura, infância e materialidade se encontram, gerando uma experiência nova de contato com a leitura.



## A metodologia do gesto

*“Criar coisas no tempo de criança  
é modelar a alma no mundo”  
(Piorski, 2023, p.48)*

Normalmente o caminho é este: uma história nasce e deseja virar livro. Mas e se um livro desejar virar história? E se a forma de um livro te provocar a criar uma narrativa só para ele? Este convite é o despertar para muitos gestos. O primeiro gesto é o de entrar em relação com o papel. Sua forma, seu tamanho – neste caso, bem pequeno – sua cor, sua textura. Deixar que essas informações aguçem a memória e os demais sentidos. E, então, a pergunta vem: “O que cabe dentro desse minilivro?”.

“Nossa! Tem letra aqui dentro!” – diz C., de 9 anos, durante o manuseio de um dos minilivros do nosso acervo. Sim, tem letras, tem desenho, tem história! Apesar de pequenos, são “livros de verdade!”, como constata outra criança. As observações acontecem durante um encontro com uma turma de 28 alunos do 3º ano de uma escola particular no Rio de Janeiro.

Em um primeiro momento do encontro, chego com a mala. Uma mala pequena, antiga, verde, com estampa de flores. Eu me apresento e apresento “A Fabulosa”. Vejo os olhares curiosos e ouvidos atentos. Abro a mala e escuto os sons de surpresa.

Há pequenas estantes de madeira, que guardam pequenos livros, minilivros. Entre as estantes, não escapa ao olhar atento um detalhe decorativo, presente do poeta João Proteti: uma nuvem que faz cair, no lugar de chuva, minilápis de cor e uma poesia escrita em um papel:

“À janela coloco meus olhos.  
Para que a chuva os lave de cores.  
Poderia ter sido passageira.  
Mas, é nuvem que me chuva a vida inteira.  
- A poesia!”

É com os olhos atentos à nuvem de João e ouvidos curiosos com as suas palavras que inauguramos um “estado de poesia”<sup>4</sup>. Ao abrir cada livro de nosso acervo, mostramos narrativas que se contam de diferentes formas: sanfona, caracol, bordado, grampeado, para cima ou para baixo, de trás pra frente, de frente pra trás. Um pequeno livro que vai abrindo, abrindo e vira uma gigantesca tromba de elefante! Um que se apresenta como um

<sup>4</sup> “Estado de poesia” é um termo que dá nome ao disco do cantor e compositor brasileiro Chico César, lançado em 2015.



simples porquinho, mas ao desenrolar mostra seu corpo todinho por dentro, uns que parecem filme, outros que começam com uma simples semente que vai crescendo, crescendo, até virar um lindo girassol. Outros com seu formato comum de livro, uma história comum de livro, mas medindo apenas 7 centímetros, parecendo livro de boneca. E, então, a pergunta vem: “O que cabe dentro de um minilivro?”. E eu nem preciso dizer, eles já sabem: cabe o mundo!

Na parte de baixo das estantes da mala, há um armário com o nosso pequeno ateliê: lápis de cor, canetinhas, papéis, material para colagens, carimbos, fitas adesivas, grampeador, tesoura, cola. Temos tudo de que precisamos para nos tornarmos autores de nossos próprios minilivros. Em estado de poesia, depois do gesto de olhar os pequenos livros, em seus pequenos detalhes, o gesto de escutar suas histórias, partimos para o gesto da criação. Há uma imensa euforia no ar. Há encantamento.

### **O livro-casa**

A primeira proposta aparece com um minilivro sanfonado em formato de casa. O livro sanfona pode ser feito de dois lados: há oito páginas na frente e oito atrás, contando com a capa. Ao olhar para esse pequeno livro-casa, lembramos logo das casas que desenhamos infância afora: um quadrado com um triângulo e os demais detalhes como portas e janelas. Mas aqui o convite é para olharmos para o que é nossa casa por dentro e todos os objetos que fazem da nossa casa, a nossa casa. Emanuele Coccia nos lembra que, apesar de sermos estimulados a desenhar casas como formas geométricas na infância, sua forma é uma abstração; o importante são os detalhes que a preenchem.

“Na realidade, a forma-casa - o chão, o teto, as paredes - é, por definição, o inabitável. É uma abstração: porque, em vez de se construir com base na realidade dos gestos e do mundo de coisas e de sentimentos que preenchem a vida de cada um de nós, ela a reduz a um fati exclusivamente geométrico. Na verdade, por uma perspectiva moral, o espaço não existe. Nunca nos deparamos com ele. Moramos em um mundo que é sempre cheio de outro seres humanos, de plantas, de animais e de objetos os mais diversos. E esses objetos não são mera extensão: não apenas ocupam volumes, mas muitas vezes tornam o espaço possível”. (COCCIA, pp. 79 e 80, 2024).



Então, eles são provocados a lembrar os detalhes: objetos, plantas, animais, móveis, pessoas ou qualquer outro elemento que constitua suas casas e que lhes são preciosos. Um elemento por página já é suficiente para narrar a casa. Em seu livro *Pequenos gestos - objetos amados queridos abandonados extraviados esquecidos*, a autora mexicana Chiara Carrer nos apresenta seu olhar sobre pequenos objetos que formam o seu grande tesouro. E começa por uma imagem de sua mesa, cheia de objetos. “Minha mesa é um esquema, um esquema que revela toda uma vida”. Os objetos que ocupam nossas mesas falam sobre nós. Os objetos que ocupam nossas casas muitas vezes falam mais sobre nós do que nossas biografias. E as crianças são desafiadas a esse gesto de narrar: pelo detalhe.

Mas esta casa é um livro, lembram? Em um livro, podemos sempre inventar. Um livro deve ser livre. No outro lado do livro sanfona, temos o avesso, mais oito páginas em branco. Lembro que este livro-casa também pode ter aquilo que na casa de verdade não é permitido e uma casa inventada dá outro sentido para a criação. A partir daí, eles não narram mais apenas suas casas, narram a si mesmos. Há casas de comida, casas com animais de estimação que já morreram, casas de bichos fantásticos, casas com todos os amigos, casas assombradas, casas malucas. Tudo é possível neste gesto de criar e de se narrar na relação com o papel e com a forma.



Figura 17 - Livro-amuleto com desejos para o mundo feito por crianças de 8 anos./ Figura 18 - Livros-amuleto de viagem e de segredos feito por crianças de 10 anos.



## O livro-amuleto

A proposta aqui é construir um livro de formato comum, códice, grampeado, porém de formato bem pequeno: 4 x 2,5 cm. O minilivro tem capa e contracapa, mais um miolo de 28 páginas. Além de brancas, folhas de várias cores, recortadas no tamanho para montar os “caderninhos”, são disponibilizadas. As folhas coloridas podem virar capa, miolo ou detalhes em colagens. Imagens de desenhos e de revistas também são colocadas na mesa para quem quiser. Carimbos de alfabeto e de outras imagens também, além de lápis e canetinha, sempre à disposição.

Em um primeiro momento demonstro como devemos dobrar as páginas e grampeá-las. Com todos os cadernos montados, partimos para narrar. “Mas o tema é livre? Pode ser qualquer coisa?” – é uma pergunta constante, mostrando surpresa com a liberdade. A única informação que dou é que “esse minilivro vocês irão carregar no peito de vocês, ele vai virar um colar. Andar sempre junto, como um amuleto”. Um livro-colar ou um livro-amuleto? O Google me conta que “a palavra “amuleto” vem do latim *amuletum*, que significa “objeto que protege uma pessoa de problemas”<sup>5</sup>. Gosto dessa definição. Afinal, talvez o gesto de criar e a poesia desse pequeno objeto os protejam da velocidade e utilitarismo do mundo contemporâneo. A artista Edith Derdyk, grande estudiosa do desenho na infância, questiona as conexões perdidas entre nossos corpos e o mundo sensível.

5 [bit.ly/4iEhUVp](https://bit.ly/4iEhUVp) acessado em 16 de dezembro de 2024.

“A necessidade de acessarmos experiências de primeiridade denota elos perdidos da conexão de nossos corpos com o mundo sensível, conexão tão mediada pelo virtual, pela imposição de programas produtivos injetando nos corpos a velocidade da resposta para as demandas capitais. Urge restaurar outras medidas temporais para instalar o alargamento das experiências que vitalizem a pulsação da vida” (DERDYK, 2024, p. 25)

A palavra “amuleto” parece mesmo surtir algum efeito nas criações. Alguns resolvem contar segredos nesse minilivro, outros desenham a família, narram viagens especiais que fizeram, outros fazem desejos bonitos para o mundo, narram seus sonhos. A esperança narrada por crianças em um minilivro. Uma joia pendurada no pescoço.



Figura 17 - Livro-amuleto com desejos para o mundo feito por crianças de 8 anos./ Figura 18 - Livros-amuleto de viagem e de segredos feito por crianças de 10 anos.

Ao final da oficina, as crianças escolhem suas cordas, de diferentes cores, para em um gesto de dar o nó no livro e colocar no pescoço, conectar seu corpo à sua narrativa.

## Conclusão

*“O corpo inteiro está na ponta do lápis ou de qualquer riscante”.*  
(Derdyk, 2024, p. 27).

O escritor e bibliófilo argentino Jorge Luis Borges, diz que o homem inventou instrumentos como extensão do corpo: “A espada e o arado como extensão do braço, o microscópio e o telescópio como extensão do olho, o telefone como extensão da voz e o livro como extensão da memória e da imaginação” (HANSEN, 2019, p. 9).

O livro como extensão do corpo só pode existir, então, a partir do gesto. Para Piorski, “gesto também pode ser algo mais: um antes ou um depois da linguagem. Uma translinguagem” (PIORSKI, 2023, p. 67). Eu me pergunto se o livro como forma, esse papel dobrado, grampeado, costurado, casa, amuleto, não é o gesto do antes e do depois, essa translinguagem. Essa rara intuição do instante, que acontece nas artesanias, no que fazemos com as mãos. A escrita manual, sem o botão de deletar, de dar espaço, também tem esse gesto intuitivo. Derdyk diz que “a tônica do traço surge das interações entre mão, gesto, instrumento, superfície e materialidade” (DERDYK, 2024, p. 27).



Nas oficinas, percebo o corpo inteiro na ponta dos dedos: seja dobrando, seja colando, recortando, seja escrevendo, desenhando. O gesto fica na forma, fica na página. Não tem erro. Um exercício intuitivo e narrativo. Confesso que um dos grandes desafios de realizar essas oficinas dentro da escola, diferentemente de outros espaços, é o tempo. O tempo cronometrado da escola interrompe processos de criação em andamento, e a contradição é que a escola, ao final, quer o resultado. Ou seja, não sabe lidar com as formas em processo, ou mesmo a criação que foge ao padrão.

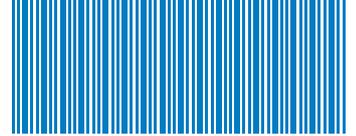
Essa experiência me coloca, também, de frente com outro desafio. Talvez um dos maiores da educação atualmente: lidar com a velocidade e o utilitarismo das coisas. O antropólogo britânico Tim Ingold afirma que “o poder da imaginação não está na representação mental, tampouco numa capacidade de construir imagens antes de sua realização material. Imaginar é um movimento de abertura e não de fechamento; produz não fins, mas começos”. (INGOLD, 2015, p. 30). “A Fabulosa mala dos menores livros do mundo” trabalha com a literatura em miniatura na tentativa de demonstrar a potência que o livro como objeto e sua artesanaria têm de dar um novo começo entre a literatura e as crianças, em que o objetivo do processo está no brincar e não em colocar um ponto final no livro. Até porque, em livros assim, o final pode ser o começo e o começo pode ser o final.

Piorski afirma que os gestos são comunicações da alma que, muitas vezes, nada têm a ver com os códigos de comunicação cultural (PIORSKI, 2023, p.58). Sinto que, dentro dos espaços de educação, muitas vezes, há uma carência dessa comunicação entre almas de adultos e crianças. Estamos cansados de nos comportar para atender as expectativas externas, com pouca escuta interna. É urgente olhar para dentro. Ao levar “A Fabulosa” e realizar esses encontros, estou em busca dessa comunicação. Diante dessa experiência, posso afirmar que dentro de um pequeno livro cabe a profundidade de nossas almas.

## REFERÊNCIAS

DERDYK, Edith. **O corpo da linha**: notações sobre o desenho. Belo Horizonte: Relicário, 2024.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** Cotia, SP: Ateliê Editorial. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. (Coleção Bibliofilia/ direção Marisa Midori Daecto, Plínio Martins Filho)



INGOLD, Tim. **O dédalo e o labirinto:** caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, pp. 21-36, jul./dez. 2015. Em <<https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9Wzds559wBv/?format=pdf&lang=pt>>

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PIORSKI, Gandhy. **Anímicas.** São Paulo: Peirópolis, 2023.

Submetido em: 20/12/2024

Aceito em: 22/01/2025

